**RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO “DIA 13 DE MAIO” NA ESCOLA ESTADUAL ALUÍSIO GERMANO**

Letícia Rafaele da Silva Claudino

Professora preceptora: Joice Mariane Andrade Cruz Borba

Professor orientador: Dr. José Jacinto dos Santos Filho

**Resumo**

Pretende-se relatar sobre a experiência enquanto aluno da residência pedagógica, como professor, focando na regência do Projeto do dia 13 de maio e refletir sobre a importância da habilidade reflexiva para a docência no processo de ensino e aprendizagem, vislumbrando uma reflexão sobre o papel da escola e da formação do educador na desconstrução do racismo, preconceito e discriminação e a relação entre teoria e prática no campo escolar e na formação de futuros docentes discentes pesquisadores e reflexivos.

**Palavras-chave:** Experiências; Regência; Escola;

**INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como objetivo fazer um relato da experiência tomada dentro do Programa da Residência Pedagógica vivenciada no projeto “Dia 13 de maio”. Neste, a experiência como residente de Língua Portuguesa, centraliza-se no campo do debate, cuja construção do conhecimento se produz e se desenvolve na prática educativa. Partindo da nossa primeira intervenção na escola como residentes do curso de Licenciatura em Letras, após a realização dessa etapa de formação da Escola Aluísio Germano, realizada de forma coletiva e presencial. A discussão concentra-se no fato de que o contato com o ambiente escolar se torna essencial no processo formativo no aperfeiçoamento das experiências profissionais e no desenvolvimento das habilidades no meio escolar.

Segundo a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) 9394/96, a formação dos profissionais da educação terá como um de seus objetivos a participação e associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço, e isso inclui a prática desenvolvida durante o Estágio Supervisionado. Paulo Freire (1996, p. 12), afirma que:

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem deiscência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro.

A segunda etapa da residência pedagógica, que é o período da regência, é um momento único em que os residentes se veem professores, onde começam a desenvolver suas ideias e opiniões sobre a profissão, ou seja, iniciam a formação da sua identificação profissional.

De fato, servirá para uma prática importante no processo de formação acadêmica. Através desse programa, o/a residente poderá vivenciar experiências, avaliar e sugerir futuras mudanças em sua postura enquanto docente, pois é a forma de fazer a transição, à medida que, no período da regência, ele ou ela se descobre no lugar de professor. Essa imersão contemplou, entre outras atividades, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas pela professora orientadora da escola.

É comum a comunidade escolar envolver-se com práticas discriminatórias, segregando os diferentes da sociedade, com ofensas verbais e físicas. Tal ideologia de superioridade desmonta a tese lançada no século XX, com o lançamento de “Casa Grande & Senzala”, de Gilberto Freyre que suscita um significativo debate acerca do provável relacionamento do escravo com seus senhores.

Freyre (1999) traz à tona a ideia de que no Brasil, houve um sistema patriarcal argamassado por uma economia agrária, onde a harmonia social fomentava-se a partir do cruzamento dos indivíduos envolvidos no processo de formação da civilização brasileira. Outra relação de brandura entre senhor e escravo pode ser constatada na miscigenação entre raça e cultura.

A Lei Áurea, que pretendia acabar de forma definitiva com a escravidão no Brasil, foi precedida por uma série de outras leis, que foram começando a libertar as pessoas escravizadas de forma gradual e sem indenização. Estas leis retiraram os poderes da aristocracia rural, como a Lei Eusébio de Queirós (1850), a Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei dos Sexagenários (1885). Esta lei significou a Abolição da Escravatura, não foi consensual, porque significou uma "crise nas lavouras" para os latifundiários. Considerando este contexto dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), eles estabelecem que a diversidade cultural do país deve ser trabalhada no âmbito escolar. No campo da educação, promover uma educação ética, voltada para o respeito e convívio harmônico com a diversidade deve-se partir de temáticas significativas, que propiciem condições para que os alunos e as alunas desenvolvam sua capacidade dialógica, tomem consciência de nossas próprias raízes históricas que ajudaram e ajudam a constituir a cultura e formar a nação brasileira; pois, o preconceito e o racismo são uma das formas de violência. Diante disso, quais as situações que temos possibilidades de mudar? Qual seria a nossa contribuição concreta para viabilizar a conscientização das pessoas? São perguntas que o projeto prevê responder através de um olhar interdisciplinar.

Nesta discussão, tivemos como objetivo perpassar por um contexto histórico no que se refere às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino da Cultura Afro Brasileira e Africana, analisando as resoluções, bem como os pareceres, a fim de vislumbramos o bojo da Lei 10.639/03.

**PROBLEMATIZAÇÃO**

Em relação ao negro, por exemplo, cabe problematizar: por que muitas vezes só é lembrado em datas comemorativas, ou pior, retratado como escravo submisso?

É importante pensar que em uma sociedade preconceituosa, praticamente todos

acabam de uma maneira ou outra reproduzindo as mazelas da discriminação que está

presente no cotidiano da sociedade. Nas salas de aula é muito comum, embora não seja correto, ocorrerem piadinhas maldosas referentes à cor da pele, aos cabelos, e outras repletas de discriminações, seja por questões étnicas ou físicas.

Diante dessa realidade, a escola em que atuo, ou seja, a Escola Estadual Aluísio Germano, Ensino Fundamental e Médio, não é diferente; dessa maneira procurei

desenvolver ações que fizessem com que os mesmos compreendam o que está por de trás dos discursos implícitos ou explícitos que reproduzem diariamente por meio de “piadinhas” e “brincadeirinhas” etc.

**OBJETIVO GERAL**

 A questão racial foi durante décadas omitida do debate público, falar em racismo no Brasil era considerado um ato antipatriótico, o principal objetivo deste projeto foi levar os alunos a refletirem sobre a diversidade étnico-cultural para compreenderem que cada povo possui sua identidade própria, presente nas crenças, costumes, história e organização social, como também perceberem suas contribuições para o desenvolvimento da humanidade, em especial do Brasil, também levar o aluno a se perceber parte desse povo. Assim, promover o respeito às diferenças de qualquer gênero para a valorização do ser humano e da identidade cultural de todos os povos, para que dessa forma mudanças significativas na prática social sejam percebidas e seja efetivado o desenvolvimento da consciência cidadã.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

* Valorizar e respeitar os processos históricos de resistência negra e indígena;
* Esclarecer a respeito do artigo 5º da Constituição Brasileira a fim de conscientizá-los sobre as formas de preconceito e respeito à diversidade, deixando evidente que o racismo é crime sendo esse inafiançável e imprescritível;
* Romper com imagens negativas forjadas por diferentes meios de comunicação contra os negros;
* Identificar os diversos traços da cultura africana, que podem ser encontrados

hoje em vários aspectos da cultura brasileira, tais como a música popular, a religião, a culinária, o folclore e as festividades populares.

**METODOLOGIA**

Este relato de experiência foi desenvolvido da decorrência das regências dentro do projeto da Residência pedagógica. No planejamento de atividades da escola, todas as decisões são sempre analisadas pela professora Joice Mariane. Durante a regência, desenvolvemos um projeto para ser aplicado no dia 13 de maio.

A metodologia utilizada neste relatório foi embasada, norteada e realizada, nas seguintes atividades desenvolvidas como: A elaboração de um plano de aula, a observação de docentes e discentes e a participação. Nestas perspectivas, as atividades foram elaboradas com o intuito de alcançar esses princípios da educação construtivista e emancipadoras que propõe a interação entre os educadores e educandos. A partir de ações contextualizadas que levem esses indivíduos a questionar a sociedade e o meio em que vivem.

 Assim, os alunos puderam-se sentir inseridos e saíram com uma gama bem maior de conhecimento para proporcionar aos mesmos o acesso às diversas esferas sociais como: a cultura, políticas e econômica.

O projeto foi realizado em grupo (4 residentes) e aplicado em três turmas do terceiro ano do ensino médio. Levamos três músicas para serem trabalhadas: “Sou de Lia e Itamaracá”, de Lia de Itamaracá, “Bacu exu do blues”, dos Bluesmen e “A mão da limpeza”, de Gilberto Gil. Todas as músicas trazem à tona reflexões e levantam discussões sobre o papel e os desafios dos negros.

O objetivo desta oficina, foi oferecer uma contribuição ao debate sobre o tema das desigualdades raciais no trato com a Educação e que, nos últimos anos, tem havido um efetivo esforço crescente dos movimentos sociais, autoridades e escolas para contribuir com reflexões sobre a questão racial/educacional. Analisamos os interesses de diferentes sujeitos sociais no processo de abolição da escravidão no Brasil. A partir das atividades realizadas na aula, aprofundamos com os alunos a ideia de que os escravos não foram passivos e incapazes de defender os seus interesses, ao contrário, as formas de luta e de resistência dos escravos foram fundamentais no processo de abolição da escravidão; tralhamos também a contribuição da cultura negra para a formação da atual identidade do Brasil e como os negros são tido como inferiores a outras raças.

Para reflexão sobre o tema, propomos aos alunos a leitura e interpretação das músicas escolhidas, consultamos as fontes de pesquisa para o aprofundamento da discussão introduzida nas músicas e a respeito da atuação dos escravos e a atual situação dos negros. Todos os alunos possuíam as letras das músicas em mãos, e o amplificador de som foi usado para reproduzir as músicas. Para aprofundar a discussão sobre as formas de luta e resistência dos escravos ao sistema escravista no Brasil e os atuais reflexos destas ações, interpretamos os versos das letras das músicas por etapas, analisando-os separadamente, visto que as músicas podem denunciar práticas e valores sociais, de maneira a apresentar as concepções importantes e mostrar como se constituem esses valores discursivos.

**PROCEDIMENTOS**

* Exposição do conteúdo;
* Definição de agentes ativos dentro do tema e de afirmação e exemplos.
* Explicação do conceito de expressões modalizadoras de afirmações e apresentação de exemplos das mesmas;
* Debates orais sobre o conteúdo exposto, identificando, na prática, o agenciamento das expressões modalizadoras de afirmação em textos e frases;
* Atividade dinamizada com músicas;
* Chamada e encaminhamentos para aula de encerramento;

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Após um primeiro momento, composto pela apresentação do tema do projeto, os alunos foram inseridos nos ambientes de ensino, divididos em turmas de acordo com suas respectivas séries (terceiro ano a, b e c) a fim de se apropriarem desse novo contexto, bem como de sua dinâmica de funcionamento. Nesse momento, os alunos relataram à docente, dificuldades para estabelecer uma visão crítica, por não saberem exatamente a que deveriam atentar-se e necessitavam de mais elementos para estabelecer prioridades em suas intervenções, o que desencadeou na proposta de um momento de discussão mais descontraído sobre a realidade dos negros no Brasil. Motivadas por temáticas socioculturais e tendo em vista a importância da formação da cidadania, pensamos ser importante debater em sala questões que possibilitassem aos alunos a reflexão e, posteriormente, a formação de um ponto de vista autoral, um expressar-se à comunidade para que se fizessem ouvir. Dessa forma, no decorrer de nosso planejamento, discutimos sobre muitos assuntos à procura de uma definição temática até percebermos que todos os temas colocados em debate relacionavam-se ao respeito as desigualdades raciais. Com isso, nossa proposta assumiu um contorno específico: pensar sobre questões cotidianas que ferem o espaço do outro, problematizando essas situações e refletindo sobre possíveis ações que pudessem solucionar esses impasses. Definido nosso problema temático, passamos a pensar nas práticas de letramento que o envolvem. Aproveitamos a data de 13 de maio (dia da abolição da escravatura) para levantar uma oficina baseada neste tema.

Atualmente, observa-se que movimentos negros criticam a forma como ex escravos foram tratados após o fim da escravidão e estas ações soam como eco na sociedade atual; outros assuntos ligados também ao racismo e como se verifica essa questão na sociedade. Baseando-se nestas ideias, decidimos intervir com algo que despertasse a curiosidade dos alunos em desenvolver um projeto em que pudessem se questionar sobre o tema. Sendo assim, trabalhamos competências da BNCC, vivenciando o Dia 13 de maio, dia em que se comemora a abolição da escravatura. Desenvolvemos nas três turmas de terceiro ano do ensino médio um debate sobre a atual situação dos negros no Brasil, tendo como ponto de partida músicas que levantavam discussões, das quais puderam partilhar informações, experiências,

ideias, sentimentos e produzir argumentações e sentidos que levem ao entendimento do tema.

 Com esse tema, pudemos trabalhar competências da BNCC como o desenvolvimento do pensamento científico, crítico e criativo, o repertório cultural, a valorização das diversas manifestações artísticas e culturais, a comunicação, utilizando diferentes linguagens para se expressar e interagir em diversos contextos.

 É nessa ordem que, o Programa da Residência Pedagógica vem lutando para aperfeiçoar e fortalecer a relação entre teoria e prática no trabalho docente através de uma formação da docência mais crítica e capaz de dar respostas a demandas sociais. O PRP incentiva os futuros docentes a saberem lidar com os desafios e transformar os contextos de atuação em objetos de pesquisa para apresentar as propostas inovadoras nas escolas, criando um espaço de diálogo entre elas e as universidades. Como mostra Alheit e Dausien (2006), que o processo de aprendizagem não se limita apenas nos programas das instituições escolares ou universitárias, mas sim no nosso cotidiano. Pois a aprendizagem é algo contínuo e renovador, por ela adquirimos novos saberes e novas competências.

Trabalhar questões raciais, buscando desenvolver as competências da BNCC, foi uma ótima ferramenta para contemplarmos as relações preconceituosas dentro do espaço escolar, questionamo-nos até que ponto ele está sendo coerente com a sua função social quando se propõe a ser um espaço que preserva a diversidade cultural, que inclui não apenas o combate ao racismo, mas sim fazer o letramento étnico-racial das pessoas brancas para que elas saibam a necessidade do debate sobre cotas, sobre discriminação e preconceitos. Consideramos não apenas o objetivo das atividades, mas também os laços afetivos, assim os alunos tiveram mais chances de se sentirem acolhidos e desafiados. Estivemos atentos também às situações e condições nas quais os alunos se sentiam mais à vontade para interagir.

A maneira como os alunos interagiram foi bastante importante, à medida que formularam questionamentos, foram construindo um debate tanto da ideia central, quanto dos fatores que cercavam o tema “O que é ser negro no Brasil” e até para falar sobre o privilégio que alguns têm pelo simples fato de serem brancos. Antes de levantar as discussões, nos preocupamos em observar se os estudantes com esse perfil estavam confortáveis no grupo para realizar atividades colaborativas ou se ficaram constrangidos nessas interações.

A Base Nacional Comum Curricular defende a aplicação dos conhecimentos na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante, tanto em sua aprendizagem como na construção de seu projeto de vida, tendo cada vez mais voz e participação nos processos de aprendizagem.

Observamos que muitos alunos se encaixavam na atual situação dos negros no Brasil. Através de seus relatos pessoais, pudemos concretizar isso com a descrição das situações já vivenciadas. No dia a dia da escola, uma das situações mencionadas por eles, que ficou evidente, foi a manifestação de preconceito contra negros e

homossexuais. As outras crianças consideradas "normais" faziam piadas o tempo todo contra os outros. Trouxemos à tona uma discussão sobre “a cor da pele não representa seu caráter”, ressaltando assim a importância de respeitar as pessoas e suas diferenças, considerando que a juventude negra tem sido a principal vítima dos processos de violência e de precárias condições de acesso à escola e ao mercado de trabalho.

Uma parte bastante significativa no decorrer da oficina foi o levantamento da discussão feito pelos alunos sobre o uso de algumas expressões e palavras que foram criadas em cima de situações vividas por negros, principalmente na época escravocrata, e que são utilizadas até hoje. Nos acostumamos a usar termos que nem sabemos ao certo o significado, mas que semanticamente estão ligados a um tempo de dor e subordinação do povo negro.

O desafio de ensinar que também somos frutos desses elementos étnico-culturais, que contribuíram de várias maneiras para a formação da sociedade brasileira, não é tarefa fácil, é preciso criar estratégias para o direcionamento da ação docente e que essas possam promover a reconstrução e a ressignificação de conceitos, contextos e métodos que auxiliem na narrativa do professor.

 Investigamos causas, elaboramos hipóteses, por meio da discussão sobre a cultura africana, buscamos a valorização das diversas manifestações artísticas e culturais. Nesse momento, os alunos utilizaram diferentes linguagens para se expressarem e interagirem sobre os vários contextos.

Os alunos apontaram para uma necessidade de a questão étnico-racial ser incluída nos conteúdos de alguma disciplina. Alguns relatos também demonstraram um desconhecimento sobre o que é racismo. Outros alunos se destacaram apontando as desigualdades raciais que marcam profundamente a sociedade brasileira, por meio de mecanismos presentes na vida social, por exemplo, os negros são os mais pobres, os menos escolarizados e os que padecem com o racismo estrutural, o que redunda, sobretudo, na ocupação de espaços mais precários no mundo do trabalho.

A música “A mão da limpeza” trouxe à tona essas discussões, visto que, em sua letra, fala que os negros estão inferiores em relação aos brancos e que eles estão acostumados a limpar a sujeira que os brancos fazem; mencionaram também ditos populares que inferiorizam os negros. Aos alunos mais retraídos, pedimos que eles dessem palavras-chave, para que pudessem compartilhar suas inquietações. Nas três turmas o resultado obtido foi muito proveitoso, os alunos foram bastante participativos, solicitaram uma continuação desta aula e solicitaram que, ao invés de trabalhos apenas presos ao livro, fossem abertas mais vezes as aulas ao levantamento dessas discussões. Consideramos também que a data de 13 de maio, que faz referência à abolição da escravatura está um pouco desprestigiada, de acordo com essa perspectiva, o 13 de maio seria uma data que representaria a abolição como um ato de "generosidade" da elite branca e transformaria a princesa na personagem principal da libertação dos escravos, a questão que se pode levantar a partir disso foi: Há ou não motivos para a comemoração do 13 de maio? Os alunos tiveram uma conclusão coletiva de que a abolição não resolveu diversas questões essenciais acerca da

inclusão dos negros libertos na sociedade brasileira e que as desigualdades entre negros e brancos ecoam até os dias atuais.

A atividade mais extensa consistia em escolher um fragmento dos trechos da música ouvida e lida, destacá-la e escrever uma resposta discursiva que explicasse o real sentido daquele trecho. Enquanto as duplas resolviam a atividade, atendemos individualmente os alunos ajudando-os a identificar os elementos necessários para a elaboração das respostas. Ao final da aula, foram recolhidas as atividades e liberados os alunos.

O encerramento de nossas discussões estendeu-se mais que o esperado, coletivamente houve um trabalho para que pudessem escrever se há motivos ou não para ser comemorado esta data, preparamos um apurado geral e concluímos que 13 de maio é uma data que serve para relembrarmos que há muito o que lutar, pois embora a lei Áurea tenha oficialmente extinguido a escravidão, ela se eximiu de incluir socialmente e economicamente os negros e negras, deixando-os à margem e à própria sorte. Por isso, não há o que se comemorar, pois a abolição no dia 13 de maio de 1888 não trouxe medidas e soluções eficientes para a integralização dos ex-escravos em nossa sociedade, 13 de maio é portanto uma data para ser denunciado o racismo, a pobreza, a falta de oportunidades e lidar com as desigualdades e preconceitos em especial no âmbito escolar.

No que se refere a nossa atividade da Residência Pedagógica, podemos dizer que é uma maneira positiva de adquirir experiências no campo docente, pois exige de nós uma preparação contínua para lidar com os alunos, isto é, atender as suas curiosidades sobre as questões que às vezes são colocadas sobre a realidade. Desta forma, é preciso que saibamos improvisar em qualquer que seja a circunstância, porque como futuros professores, podem ocorrer várias situações em que necessariamente teremos que saber lidar ou problematizar sobre situações inesperadas e apresentar soluções ou alternativas possíveis. Nesse contexto, esse processo de formação teórica junto com a prática, como residentes, irá proporcionar uma vasta experiência, através das nossas vivências no cotidiano escolar.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do contexto do presente relato, concluímos que, trabalhar igualmente questões raciais não é uma tarefa fácil para o professor, porque, para lidar com elas, é necessário compreender como a diversidade se manifesta e em que contexto real se enquadra. O grande desafio da escola é o de superar a discriminação e valorizar a diversidade étnica e cultural que compõem o patrimônio sociocultural do aluno. Com essas experiências iniciais no período da regência, houve a oportunidade de se deparar com vários tipos de aprendizado, isto é, de ter o contato com a escola, aproveitando o ambiente escolar para ser útil em trabalhar os mais variados contextos cotidianos da vida do aluno.

A contribuição das atividades da Residência Pedagógica: Observação e Prática, para a formação profissional enquanto Licenciandos, nos deu mais consciência crítica e reflexiva e que acabam nos aproximado da realidade do dia a dia da instituição Escolar. Nosso processo de aprendizado por meio desse período, foi significativo, sendo composto por um ciclo em que nossas observações e práticas somadas aos conceitos abstratos ao longo do curso de Letras, nos levaram a hipóteses que serão experimentadas em atuações futuras, pois, com esta etapa, pudemos refletir sobre nossas ações enquanto sujeito ativo na sala de aula. Conclui-se que o preconceito racial é um problema que fomenta a exclusão social, ocasionando divergências no âmbito educacional, o que torna importante que os profissionais da Educação discutam pelo menos o bojo da Lei 10.639/ 2003, para desta forma analisar a questão racial. Além disso, passamos a entender a grande importância que tem o educador na formação pessoal e profissional de seus alunos. a necessidade de um trabalho constante desde as sérias iniciais, proporcionando debates constantes, momentos de reflexão e valorização da cultura Africana, compreendendo sua importância para diálogo e convivência harmônica com a diversidade. Concluímos que, enquanto professoras e professores, temos a oportunidade de mudar a realidade educacional vivida na sala de aula, para isso, deve haver um empenho máximo, para assim cumprir de maneira satisfatória o papel de transmissor de conhecimentos.

**REFERÊNCIAS**

ALHEIT, Peter & DAUSIEN, Bettina. **Processo de formação e aprendizagem ao longo da vida**. Educação e pesquisa. São Paulo, v. 32, n.1, p. 177-197, jan/abr. 2006

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.